



O FEMININO A PARTIR DO TEATRO E DO ROMANCE DE JOSÉ DE ALENCAR: A LITERATURA COMO UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA POLÍTICO-SOCIAL

Ana Paula Silva Santana¹

¹Doutoranda, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana- MG, anapaulasantana.ufop@gmail.com

Resumo: O objetivo deste texto consiste em compreender o feminino na comédia e no romance de José de Alencar. Falaremos sobre as personagens femininas construídas nas tramas do autor a fim de pensarmos as obras inseridas na modernidade, momento de intensa “aceleração do tempo” e reorganização da linguagem, em que certas palavras passam a ser disputadas e tornam-se conceitos. Assim, “mulher” e “feminino” assumem um novo papel quer na linguagem quer em certos espaços sociais. O Romantismo enxerga o feminino/a mulher por diferentes perspectivas e, no que mais nos interessa, por um viés de crítica social ao próprio papel das mulheres no espaço urbano, a partir do paradigma da individualidade e da subjetividade. Dessa forma, nosso objetivo é acompanhar, na literatura e no campo linguístico, especialmente a partir do Romantismo, como o feminino/a mulher foi se reconstituindo, mesmo que inicialmente, no interior do Brasil na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Feminino; José de Alencar; Romantismo; Modernidade

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

THE FEMALE FROM THE THEATER AND ROMANCE OF JOSÉ DE ALENCAR: LITERATURE AS A SPACE OF POLITICAL-SOCIAL RESISTANCE

Abstract: The purpose of this text is to understand the feminine in José de Alencar's comedy and novel. We will talk about the female characters constructed in the author's plots in order to think about the works inserted in modernity, a moment of intense “acceleration of time” and reorganization of language, in which certain words become disputed and become concepts. So, “women” and “women” take on a new role both in language and in certain social spaces. Romanticism sees the feminine / the woman from different perspectives and, in what interests us most, from a bias of social criticism to the very role of women in the urban space, from the paradigm of individuality and subjectivity. Thus, our goal is to follow, in literature and in the linguistic field, especially from Romanticism, how the feminine / the woman were reconstituted, even if initially, in the interior of Brazil in the second half of the 19th century.

Keywords: Feminine; José de Alencar; Romanticism; Modernity.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem por principal problema a discussão de certa abertura de “expectativa” para o “feminino” no século XIX, ou seja, a abertura de novas possibilidades para a atuação das mulheres, fosse no ambiente público ou privado (KOSELLECK, 2006), categoria teórica (abertura de expectativa) que pretendemos compreender a partir do Romantismo brasileiro, mais especificamente na literatura de José de Alencar. Assim, nos debruçaremos sobre o romance e a comédia do referido literato, direcionando nossa atenção às personagens femininas construídas nas obras e compreendendo-as como expressão das assertivas críticas do Romantismo no período. Dessa maneira, salientamos que nossa proposta de análise está diretamente relacionada às questões de gênero, assim como ao desenrolar da modernidade brasileira, mais especificamente aquela modernidade vivenciada pelas mulheres presentes no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Consideramos a modernidade como um período marcado por certa percepção de aceleração temporal e intensa instabilidade social e política, levando a disputas conceituais significativas. Acreditamos que estas disputas tenham sido caracterizadas por debates nos quais conceitos como

“nação”, “identidade”, “verdade”, e, no que mais nos interessa, “feminino”/“mulher”, foram questionados, principalmente se considerarmos os espaços políticos e artísticos vigentes (ARAUJO, 2008). Trata-se da observância de determinada temporalidade histórica que, aos poucos, trouxe à cena uma maior pluralidade de projetos, de visões de mundo, insegurança, exaltações e esperanças fundamentais àquele período (KOSELLECK, 2006). Ou seja, a modernidade, na qual as nossas fontes de pesquisa estão inseridas, é marcada pela reorganização de um mundo político e social, determinada pela intensificação do movimento, do debate, do trabalho constante da imaginação, projeção e reinvenção de laços sociais (PEREIRA; SENA, 2017).

Dessa forma, o que pretendemos destacar através da literatura Romântica de Alencar são as características disto que seria a “reinvenção do laço social”, no que diz respeito às mulheres do período – especialmente a partir e no interior da literatura- associando e compreendendo o espaço e o papel do “feminino”/ da “mulher” a partir de outros conceitos e categorias, como, por exemplo, “amor”, “família” e “homem”. Para a concretização da análise, partiremos da compreensão do Romantismo como um “estilo de pensamento e uma estruturação de afetos” que, para além de uma expressão literária, exerceu importante “revolta contra certos aspectos essenciais da sociedade moderna” (LÖWY, 2012). Salientamos ainda que tais mudanças também conviveram e disputaram espaço com tradições mais sedimentadas e que posicionavam o feminino e a mulher como um ente profundamente dependente e subserviente ao homem, protagonizando debates culturais e políticos no período histórico em questão (MATTOS, 2015).

As personagens que serão analisadas nas obras dialogam com a realidade de mulheres levadas à prostituição no século XIX. Pretendemos compreender a moralidade imposta às mulheres desses grupos sociais e a abertura de expectativa que as proporcionou uma maior possibilidade de ação própria a esta dimensão mais concreta que é a urbanização, mas também e junto a isto, à ampliação desta literatura Romântica. Apontando, assim, para denúncias de preconceitos tratados pelos Românticos a partir de narrativas, personagens e diálogos que se destacam como as fontes principais do trabalho.

Objetivamos que, com a literatura de José de Alencar, sopesaremos a proposta crítica do autor acerca do ambiente histórico temporal no qual viveram as prostitutas da segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, principalmente no que se refere às prostitutas de “alto escalão”, a exemplo das personagens Lucia e Carolina. Mulheres que, segundo Marinete Silva (2012), frequentavam espaços comuns à “boa sociedade”, morando em casas e hotéis, assistindo a óperas e peças de teatro, exibindo joias e roupas luxuosas, a fim de chamar atenção dos clientes ricos e frequentadores. Conviveram tanto com o estereótipo da mulher “meretriz”, perigosa e incontrollável, quanto com a “visão social agostiniana”, do “mal necessário”, que deveria saciar “os ardores do desejo sexual” masculino (SILVA, 2012).

METODOLOGIA

Como explicitamos anteriormente, o espaço temporal no qual nossas fontes e objetos de pesquisa estão inseridos foi marcado pela temporalização da história cuja percepção da “aceleração do tempo” caracterizou o que se chama de modernidade. Com Reinhart Koselleck (2006), observamos que houve, nesse período, um processo que levou a um distanciamento paulatino do passado, das experiências que anteriormente orientavam tão fortemente o presente e determinavam significativamente as suas expectativas, o futuro. O *espaço de experiência*, compreendido aqui como determinadas tradições organizadoras do presente, tornou-se cada vez menor. Em contrapartida, o *horizonte de expectativa*, compreendido como previsão de futuros (sonhos, projetos) até então indisponíveis, crescia. Dessa forma, o ideal de progresso, juntamente às descobertas científicas, territoriais e às revoluções em geral, proporcionava ao futuro o caráter de desconhecimento, esperança e insegurança, sobretudo no período que se segue de 1750 a 1850, que o próprio autor caracterizou como *Sattelzeit* (KOSELLECK, 2006).

Destarte, salientamos que a compreensão da modernidade como essencial à análise de nossas fontes e objeto de pesquisa está atrelada à compreensão de certas especificidades brasileiras, uma vez que José de Alencar figurara como agente histórico do período Imperial no Brasil. Temporalidade que foi evidenciada pelo alargamento do espaço público, por certa pluralidade de visões de mundo, exaltações sociais e uma consequente resignificação de conceitos fundamentais à cena político-social do período. O que é explicitado por autores como Istvan Jancsó e João Paulo Pimenta, em *Peças de um mosaico* (JANCÓS; PIMENTA, 2000), a julgar por suas observações concernentes à disputa conceitual de termos como “nação” e “Estado” no processo de construção do Estado Nacional moderno no Brasil.

Desse modo, partimos das disputas conceituais na modernidade brasileira a fim de traçarmos nossa metodologia de pesquisa também a partir da História dos conceitos. Compreendemos os textos/a literatura como um espaço de disputas ideológicas capaz de revelar tensões entre passado, presente e futuro, figurando como uma possibilidade para a compreensão de certas experiências temporais concretas, suas delimitações e fatores indicativos (KOSELLECK, 2006). Ou seja, uma vez apontadas as disputas ideológicas presentes nas fontes escritas, adquirimos, através da História dos conceitos, “a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então”, como fenômenos reais, atuantes em qualquer sociedade (KOSELLECK, 2006,p.41).

Partindo da definição de “conceito”, como uma palavra em disputa, compreendemos que o “feminino”/a “mulher” tornaram-se polissêmicos no século XIX, principalmente se pensados a partir de outros conceitos como, por exemplo, “amor” e “família”. Consideração que nos foi confirmada através da leitura de nossas fontes principais e da bibliografia própria à história de gênero e das mulheres, tendo em conta o alargamento das funções políticas e sociais possibilitadas às mulheres no espaço urbano no Brasil do século XIX, o que pode ser observado em autoras como Margareth Rago (RAGO, 1985).

Para a análise do “feminino”/ da “mulher” em nossas fontes, atentando-nos às teorias de gênero propostas por autoras como Michelle Perrot (2007) e Claudia Maia (2015), sobretudo no que se refere à crescente ressignificação da história das mulheres. Partindo dessas autoras, compreendemos que o estudo do feminino na academia passa por uma significativa transformação, visto que tende a ultrapassar a compreensão do espaço privado destinados às mulheres, direcionando-as também “ao espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra e da criação”. Deixando de ser especificamente uma história das vítimas e se tornando, também, uma história de mulheres ativas (PERROT, 2007, p.15). Considerando ainda o espaço tempo e as experiências de cada mulher como primordial à compreensão de sua atuação.(MAIA, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do trabalho, compreendemos, a partir da literatura Romântica de José de Alencar, e dos próprios papéis e espaços exercidos pelas mulheres, como certa abertura de expectativa se tornou possível, principalmente na segunda metade do século XIX, no Brasil; partimos da hipótese de que a literatura Romântica, como ficção, figurou como uma possibilidade concreta de resistência política na modernidade brasileira, exercendo críticas contundentes a isto que chamamos de *moralidade egoísta*.

No decorrer do trabalho, dedicamo-nos à análise das fontes literárias de José de Alencar, a fim de acompanhar, a partir da literatura, a reconstituição do “feminino” – os próprios papéis da mulher - na segunda metade do século XIX, no Brasil. Dessa maneira, salientamos que utilizamos, para além do romance e da comédia já mencionados, outras fontes como, por exemplo, jornais, exerceram apoio significativo às nossas análises literárias.

No levantamento de fontes acerca da análise histórico-literária do “feminino” em José de Alencar (1860), destacamos a comédia *As asas de um anjo*(ALENCAR, 1860) e o Romance *Lucíola*(ALENCAR,1862), que se encontram no acervo digital da Biblioteca Brasileira. Outras documentações importantes são a edição de 22 de junho de 1858 do *Diário do Rio de Janeiro*, jornal em que Alencar trabalhou e exerceu críticas contundentes à censura de sua peça *As asas de um anjo* (ALENCAR, 1977); a primeira edição da obra *Ao correr da Pena*, localizada no acervo digital da Biblioteca Brasileira, livro que reuniu os folhetins publicados por Alencar no jornal *Correio Mercantil*, entre 3 de setembro de 1854 e 8 de julho de 1855, e no *Diário do Rio de Janeiro*, entre 7 de outubro a 25 de novembro de 1855, no qual se encontram também as considerações publicadas acerca da obra *Lucíola* de José de Alencar (ALENCAR, 1874).

Descreveremos, a seguir, as principais fontes do nosso trabalho nesta análise do “feminino” em José de Alencar, suas estruturas, papéis, narrativas e conceitos.

As asas de um anjo é uma comédia publicada por José de Alencar no ano de 1860, contendo um prólogo, um epílogo e quatro atos. Trata-se da história de Carolina, uma jovem que decide fugir de casa e se “aventurar” em meio a festas e casas de danças. No decorrer da narrativa, a protagonista torna-se mãe, adoece e se arrepende de suas escolhas pessoais. No entanto, a trama conta com a redenção da personagem que é perdoada pela família. Da análise da obra, destacamos os conceitos de “feminino” e o próprio papel das personagens femininas, das mulheres, “prostituição”, “amor”, família”, “perdão” e “maternidade” no Romantismo, assim como a tomada de consciência da

protagonista acerca de sua condição social e a crítica do autor em relação a estas mesmas condições, expressa por diálogos e pela narrativa (ALENCAR, 1860).

Lucíola é um romance escrito por José de Alencar no ano de 1862. Trata-se da história de Lúcia, uma jovem que se prostituiu a fim de obter a renda necessária para o sustento de sua família. Assim como Carolina, de *As Asas de um Anjo*, Lúcia se arrepende de suas escolhas pessoais. Contudo, a redenção da personagem no romance não acontece como na comédia, visto que a protagonista da peça adoece e morre ao fim da trama. Da análise da obra, destacamos os conceitos de “feminino”, “perdão”, “amor”, “prostituição” e “castidade”, assim como a tomada de consciência da protagonista acerca de sua condição social e a crítica do autor em relação a estas mesmas condições, expressa por diálogos e pela narrativa.

CONCLUSÃO

Partindo das leituras prévias das fontes principais e da bibliografia referente ao contexto histórico das mulheres no Brasil Oitocentista, apresentamos a conclusão de que houve certa abertura de expectativa para o feminino no período, e que a literatura Romântica/a ficção figurou como uma possibilidade concreta de resistência política na segunda metade do século XIX.

Da mesma forma, a partir da comédia e do romance de José de Alencar, analisamos as assertivas feitas pelo autor acerca do “feminino” no seu período, especialmente no que diz respeito àquele “feminino” delimitado pelo ambiente da prostituição, na segunda metade do século. Destacamos, assim, que na modernidade brasileira houve um alargamento de possibilidades, de expectativas em relação às mulheres, ainda que este alargamento tenha sido delimitado por características político-sociais de cada agente e contexto histórico mais específico.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **As Asas de um anjo: comédia em um prólogo**, quatro atos e um epílogo. 1 ed. Rio de Janeiro: Soares e Irmão. 1860. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4633>. Acesso em 11 de julho de 2020.

_____. **Lucíola**. Rio de Janeiro: Typ. Franceza Arfvedson, 1862. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4664>. Acesso em julho de 2020.

_____. **Teatro completo**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977.

_____. **Ao correr da pena**. São Paulo: Typ. Allemã. 1874

ARAUJO, Valdeir Lopes. A experiência do tempo na formação do império do Brasil: autoconsciência moderna e historicização. **Revista de História** (USP), v. 159, p. 103, 2008.

JANCSÓ, I, PIMENTA, J. P. G. Peças de um mosaico: apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira. In: Carlos Guilherme Mota (org.). **Viagem Incompleta 1500-2000 - A experiências Brasileira**. São Paulo: SENAC São Paulo Editora, v. 1, 2000, p. 127-175.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/ Contratempo, 2006.

LÖWY, M. **Judeus heterodoxos: messianismo, romantismo e utopia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MAIA, Claudia. Gênero e Historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG, v. 28, n. 2, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/anapa/Downloads/34172-139133-2-PB.pdf>. Acesso em julho de 2020.

MATTOS, Ilmar. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. **Almanack Braziliense**, nº01, 2015.

PERERA, Luisa Rauter. SENA, Hebert Faria. A historicidade do político. O debate sobre representação e cidadania no império brasileiro (1823-1840). **Historia da Historiografia**, v. 1, p.261, 2017.

PERROT, Michelle. Minha história das Mulheres. São Paulo, **editora Contexto**, 2007.

SILVA, Marinete dos Santos. Clientes e circuitos da prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. **Dimensões**, vol. 29, 2012, p. 374-391. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/5414/3999>. Acesso em 23 de maio de 2020.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.